

# Concepções de surdez

Toda a educação de surdos e todas as escolhas e atitudes dos profissionais no âmbito educacional dependem da concepção de surdez assumida, ou seja, a ideia de quem é o indivíduo surdo, quais são suas características, quais suas limitações e potencialidades e qual papel esse indivíduo deve assumir na sociedade.

Partindo-se desse pressuposto, a surdez é concebida de duas formas diferentes: pela visão clínico-terapêutica e pela visão socioantropológica. Cada uma delas apresenta especificidades na maneira de aceitação do surdo, na forma de compreender sua formação pessoal e na maneira de localizá-lo socialmente. Assim, propõe-se apresentar cada uma dessas visões e suas consequências para o encaminhamento educacional do surdo.

## Visão clínico-terapêutica

A visão clínico-terapêutica da surdez enfatiza no indivíduo sua característica de não ouvir, ou seja, utiliza a expressão deficiente auditivo para designar todas as pessoas com diminuição ou perda da audição. A surdez é concebida como uma diminuição da capacidade de percepção normal dos sons, que traz ao indivíduo uma série de consequências ao seu desenvolvimento, principalmente no que diz respeito à língua oral.

Os conceitos mais importantes vinculados a essa concepção são o de normalidade e homogeneidade. A normalidade é uma ideia na qual se formatam padrões para estabelecer o que é normal ou anormal, dentro de uma perspectiva da aptidão ou não das capacidades anatômicas e fisiológicas do indivíduo. Assim, diferentemente da maioria, aceita nessa visão como o padrão, os surdos têm uma resposta auditiva incompleta ou inadequada, sendo, portanto, considerados anormais. Visto que lhes faltava algo, no caso a audição, todo o esforço deveria ser no sentido de torná-los o mais parecido com o normal possível, de forma corretiva e minimizadora das sequelas e defeitos, provocados pela falta de audição.

A partir dessa noção já passamos ao outro conceito que seria de homogeneidade, ou seja, todos os indivíduos são analisados dentro uma mesma e única perspectiva, que concebe o indivíduo de forma isolada pela sua capacidade orgânica. Nesse caso todos devem se enquadrar no mesmo perfil, caindo-se num equívoco de rejeição das possibilidades orgânicas e da diversidade do ambiente físico e social. Obviamente não se nega a composição do ser humano como ser vivo e biológico, mas não se pode definir o que seria ou não relevante a esse ser, para que esse pudesse agir de forma autônoma no mundo em que vive, evitando-se, assim, manter o descrédito naqueles que não ouvem.

Nessa visão cabe à escola habilitar a criança surda a falar, fazendo com que ela caminhe em direção à integração na comunidade de falantes. Dessa forma, aceitava-se que para que houvesse pleno desenvolvimento de uma língua oral, a audição seria imprescindível, o que é uma limitação do surdo, sendo assim, difundindo que mesmo que possam ser ensinados a falar, nunca serão capazes de compreender a fala tão bem como uma pessoa que ouve, e por isso, outras consequências tornavam-se explícitas. Segundo essa concepção, por exemplo, os indivíduos surdos podiam apresentar um atraso intelectual de dois a cinco anos, dificuldades de abstração, generalização, raciocínio lógico, simbolização, entre outros, sempre enfatizando que um trabalho de reabilitação seria necessário, mas que, mesmo assim, o fracasso seria justificável pela deficiência.

O modelo escolar preocupava-se com as atividades da área de saúde, ou seja, percebendo os sujeitos surdos como pacientes ou “doentes nas orelhas” que necessitavam serem tratados a todo custo por exercícios terapêuticos de treinamento auditivo e de preparação do órgão fonador. Os professores, por sua vez, faziam em seu trabalho o papel de fonoaudiólogos, encarados como ouvintes modelos a serem seguidos pelos surdos, de modo a oferecerem “cura” para as audições danificadas, com o intuito de transformar em realidade o desejo de ver os surdos falando e ouvindo.

Essa concepção era a orientação principalmente dos seguidores do método oralista, que vislumbravam a aquisição das habilidades de fala pelos surdos.

## Visão socioantropológica

Contrapondo-se à concepção clínico-terapêutica, surge juntamente com a proposta do bilinguismo a concepção socioantropológica da surdez. Nessa nova visão, o surdo é considerado de forma diferente da forma aceita pelos oralistas.

Ou seja, o surdo não é tido como alguém que tem uma patologia que precisa ser eliminada, mas sim como uma pessoa, e a surdez como uma marca que repercute nas relações sociais e no desenvolvimento afetivo e cognitivo dessa pessoa, sendo conhecida, portanto, como visão socioantropológica da surdez.

A ideia de que os sujeitos surdos deviam ser forçadamente ajustados à sociedade ouvinte entrou em decadência e abriu caminho para um novo conceito: o da diferença. Aqui o conceito de diferença abrange a ideia de que os surdos pertencem a um grupo minoritário, linguística e culturalmente diferente, principalmente por utilizar outra via de acesso a informações, manifestada pela modalidade visuogestual da língua. O respeito à diferença reflete na aceitação de que o surdo não precisa almejar uma vida semelhante à do ouvinte, ao contrário, ele deve assumir sua surdez e procurar meios de gerir as suas necessidades da melhor maneira possível. Os surdos nessa visão compõem comunidades cujo fator aglutinante é a língua de sinais. Assim, essa língua tornou-se uma importante via de acesso ao desenvolvimento intelectual do surdo, em todas as esferas do conhecimento, proporcionando a intercomunicação do sujeito surdo com os seus pares e com os ouvintes, dando suporte ao pensamento e estimulando o seu aprimoramento cognitivo e social.

Dessa perspectiva percebe-se, então, a necessidade de uma discussão de que o importante não é mais classificar os surdos, mas sim compreendê-los. Isso é explicitado pela aceitação de que os surdos compartilham, além da língua, valores culturais, hábitos e modos de socialização próprios. Com isso, desenvolvem competência linguística, comunicativa e cognitiva por meio do uso da língua de sinais e do sentimento de identidade grupal, do autoconhecimento e da identificação como ser surdo, sendo reconhecidos como diferentes e não como deficientes. Essa concepção foi ainda reforçada pela Declaração dos Direitos Humanos, publicada pela Unesco em 1954, onde consta que “[...] obrigar um grupo a utilizar uma língua diferente da própria, mais que assegurar a unidade nacional, contribui para que esses grupos, vítimas de uma proibição, se segreguem cada vez mais da vida nacional”.

## Identidade e cultura surda

A noção de diferença nos remete a uma análise do que entendemos por cultura. Aqui ela deve ser concebida como uma manifestação grupal ou coletiva, como ferramenta de ação histórica, de crescimento e desenvolvimento de uma certa comunidade, no caso, os surdos. Não cabe mais a noção de homogenei-

dade, mas a noção da diversidade, sendo essa manifestada pelo jeito de ser, de sentir, de compreender, de explicar e de transformar a sociedade a qual o sujeito está inserido.

Cultura surda, segundo Strobel (2008, p. 24) é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo para torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, abrangendo a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos dos surdos.

A surdez passa a ser muito mais que um diagnóstico médico. É um fenômeno cultural no qual padrões sociais emocionais, linguísticos e intelectuais são compartilhados.

A cultura pode ser expressa principalmente pela capacidade dos sujeitos em constituírem sua identidade por meio de fatores de semelhança, que podem ser relacionados ao gênero, a etnias, a crenças religiosas e outros, sendo que o mais importante deles é a língua, que para o surdo se traduz pelo uso da Libras e pela forma visual de apreender o mundo.

Essa semelhança passa a ser o fator determinante da identidade do grupo a que se refere e, sendo assim, a identidade surda passa pela significação e pelas experiências do que é ser surdo, e pela mudança de paradigma do que antes era considerado como deficiência, e agora é considerado como diferença linguística e cultural.

Acredita-se hoje que a identidade surda está diretamente relacionada ao uso da língua de sinais. Portanto, o uso dessa língua de sinais seria aquilo que definiria a identidade do sujeito. Porém, o que ocorre é que em contato com outros surdos que também usem a língua de sinais surgem novas possibilidades de interação, de compreensão, de diálogo e de aprendizagem. Dessa forma, a aquisição da língua de sinais e, conseqüentemente, de todos os mecanismos vinculados, faz com que se credite a ela a capacidade de ser a única capaz de oferecer uma identidade ao surdo.

Desse pressuposto, define-se que a Libras é uma língua natural, relacionada aos costumes e à cultura da comunidade surda brasileira, que flui de uma necessidade de comunicação entre as pessoas que utilizam a modalidade visuogestual para se comunicar.

Ressaltamos aqui que nenhuma língua de sinais é universal, pois a língua é resultante da cultura do grupo social que a utiliza. Do mesmo modo que existem várias línguas orais estrangeiras, há diferentes línguas de sinais, sendo que cada país tem a sua.

Normalmente muitos equívocos são cometidos no que se refere à compreensão da Libras e seus aspectos básicos mais importantes, por isso, visando esclarecer qualquer dúvida a respeito dessa língua, serão apresentadas a seguir noções teóricas fundamentais para a compreensão inicial de sua estrutura gramatical.

## A Libras

A Libras possui estrutura gramatical própria. Os sinais são formados por meio da combinação de formas e de movimentos das mãos e de pontos de referência no corpo ou no espaço. Sua estrutura gramatical é constituída a partir de cinco parâmetros: a) configuração das mãos; b) ponto de articulação; c) movimento; d) orientação e direcionalidade; e) expressões faciais e/ou corporais.

- **Configuração das mãos:** é a forma das mãos presente no sinal. Existem 63 configurações possíveis e podem ser da datilologia (alfabeto manual) ou outras formas feitas pela mão predominante (mão direita para os destros), ou pelas duas mãos do emissor ou sinalizador.
- **Ponto de articulação:** é o lugar onde incide a mão predominante configurada, podendo essa tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro vertical (do meio do corpo até a cabeça) e horizontal (à frente do emissor).
- **Movimento:** os sinais podem ter um movimento ou não.
- **Orientação e direcionalidade:** os sinais têm uma direcionalidade e a inversão desta pode significar ideia de oposição, contrário ou concordância número-pessoal.
- **Expressão facial e/ou corporal:** muitos sinais, além dos quatro parâmetros mencionados acima, têm em sua configuração como traço diferenciador também a expressão facial e/ou corporal.

Na Libras as categorias gramaticais existentes são: verbos (os que não possuem marca de concordância, e os que possuem marca de concordância – número-pessoal, de gênero, de localização), advérbios, adjetivos, comparativos (igualdade, superioridade e inferioridade) e pronomes.

Quanto aos verbos, as marcas diferenciadoras dos sinais se dão de diferentes formas de acordo com o tipo de concordância, e são baseadas na alteração de um dos parâmetros da língua.

- Verbo com concordância número-pessoal => parâmetro *orientação*.
- Verbo com concordância de gênero e número => parâmetro *configuração das mãos*.
- Verbo com concordância de lugar => parâmetro *ponto de articulação*.

Dessa forma, concluímos que a surdez é uma experiência visual que traz ao surdo a possibilidade de constituir-se como sujeito por meio de experiências cognitivo-linguísticas diversas, mediadas por formas alternativas de comunicação simbólica, que encontram na língua de sinais seu principal meio de concretização.

---

## Texto complementar

### Identities surdas

(PERLIN *apud* SKLIAR, 1998)

Poderíamos identificar as pessoas surdas pelas diferenças que possuem. Elas são observáveis facilmente. No momento distinguiremos algumas categorias para as diferentes identidades surdas.

#### Identities surdas (identity política)

Trata-se de uma identidade fortemente marcada pela política surda. São mais presentes em surdos que pertencem à comunidade surda e apresentam características culturais como sejam:

- Possuem a experiência visual que determina formas de comportamento, cultura, língua etc.
- Carregam consigo a língua de sinais. Usam sinais sempre, pois é sua forma de expressão. Eles têm um costume bastante presente que os diferencia dos ouvintes e que caracteriza a diferença surda: a captação da mensagem é visual e não auditiva. O envio de mensagem não usa o aparelho fonador, usa as mãos.
- Aceitam-se como surdos, sabem que são surdos e assumem um comportamento de pessoas surdas. Entram facilmente na política com

identidade surda, onde impera a diferença: necessidade de intérpretes, de educação diferenciada, de língua de sinais etc.

- Passa aos outros surdos sua cultura, sua forma de ser diferente.
- Assumem uma posição de resistência.
- Assumem uma posição que avança em busca de delineação da identidade cultural.
- Assimilam pouco, ou não conseguem assimilar a ordem da língua falada, têm dificuldade de entendê-la.
- Decodificam todas as mensagens recebidas em língua de sinais.
- A escrita obedece à estrutura da língua de sinais, pode igualar-se à língua escrita, com reservas.
- Têm suas comunidades, associações e/ou órgãos representativos e compartilham entre si suas dificuldades, aparições, utopias.
- Usam tecnologia diferenciada: legenda e sinais na TV, telefone especial, campanha luminosa.
- Têm uma diferente forma de relacionar-se com as pessoas e mesmo com animais.
- Essa identidade assume características bastante diferenciadas. É preciso lembrar aqui que há, por exemplo: a identidade surda genealógica traz sinais vividos e provados durante gerações, por exemplo, na Itália há uma família de surdos de mais de 40 gerações; os filhos de pais surdos; os surdos que nasceram surdos; os que têm família ouvinte e entraram em contato com a comunidade surda já em idade adulta.

## Identidades surdas híbridas

Ou seja, os surdos que nasceram ouvintes e com o tempo tiveram alguma doença, acidente etc. que os deixaram surdos:

- Dependendo da idade em que a surdez chegou, conhecem a estrutura do português falado, decodificam a mensagem em português e o envio ou a captação da mensagem vez ou outra e na forma de língua oral.

- Usam língua oral ou língua de sinais para captar a mensagem. Essa identidade também é bastante diferenciada, alguns não usam mais a língua oral e outros usam sinais sempre.
- Assumem um comportamento de pessoas surdas, ex.: política da identidade surda usa tecnologia para surdos.
- Convivem pacificamente com as identidades surdas.
- Assimilam um pouco mais que os outros surdos, ou não conseguem assimilar a ordem da língua falada, têm dificuldade de entendê-la.
- A escrita obedece à estrutura da língua de sinais, pode igualar à língua escrita, com reservas.
- Participam das comunidades, associações, e/ou órgãos representativos e compartilham com as identidades surdas suas dificuldades, políticas, aspirações e utopias.
- Aceitam-se como surdos, sabem que são surdos, exigem intérpretes, legenda e sinais na TV, telefone especial, campanha luminosa.
- Também têm uma diferente forma de relacionar-se com as pessoas e mesmo com animais.

## Identidades surdas flutuantes

Os surdos que não têm contato com a comunidade surda. Ou surdos que viveram na inclusão ou que tiveram contato da surdez como preconceito ou desenvolvimento social. São outra categoria de surdos, visto que não contam com os benefícios da cultura surda. Eles também têm algumas características particulares.

- Seguem a representação da identidade ouvinte.
- Estão em dependência no mundo dos ouvintes, seguem os seus princípios, respeitam-nos, colocam-nos acima dos princípios, às vezes competem com ouvintes, pois que são induzidos no modelo da identidade ouvinte.
- Não participam da comunidade surda, associações e lutas políticas.
- Desconhecem ou rejeitam a presença do intérprete da língua de sinais.



- Orgulham-se de saber falar “corretamente”.
- Demonstram resistências à língua de sinais e à cultura surda visto que isso, para eles, representa estereótipo.
- Não conseguiram identificar-se como surdos, sentem-se sempre inferiores aos ouvintes: isso pode causar muitas vezes depressão, fuga, suicídios, acusação aos outros surdos, competição com ouvintes, há alguns que vivem na angústia, no desejo contínuo de serem ouvintes.
- São as vítimas da ideologia oralista, da inclusão, da educação clínica, do preconceito e do preconceito da surdez.
- São surdos. Quer ouçam algum som, quer não ouçam, persistem em usar aparelhos auriculares, não usam tecnologia dos surdos.
- Essas identidades surdas flutuantes também apresentam divisões; por exemplo: aqueles que têm contato com a comunidade surda, mas rejeitam-na; os que jamais tiveram contato etc.

## Identidades surdas embaçadas

As identidades surdas embaçadas são outro tipo que podemos encontrar diante da representação estereotipada da surdez ou desconhecimento da surdez como questão cultural.

- Essa identidade não consegue captar a representação da identidade surda, nem da identidade ouvinte como fazem os flutuantes.
- Sua comunicação é por alguns sinais incompreensíveis às vezes.
- Não têm condições de dizer onde mora, seu nome, sua idade etc.
- Não têm condições de usar língua de sinais, não lhe foi ensinada, nem teve contato com a mesma.
- São pessoas vistas como incapacitadas.
- Nesse ponto, ouvintes determinam seus comportamentos, vida e aprendizados.
- É uma situação de deficiência, de incapacidade, de inércia, de revolta.

- Existem casos de aprisionamento de surdos na família, seja pelo estereótipo ou pelo preconceito, fazendo com que alguns surdos se tornem embaçados.

## Identities surdas de transição

Estão presentes na situação dos surdos que devido à sua condição social viveram em ambientes sem contato com a identidade surda ou que se afastam da identidade surda.

Vivem no momento o trânsito entre uma identidade e outra.

- Se a aquisição da cultura surda não se dá na infância, normalmente a maioria dos surdos precisa passar por esse momento de transição, visto que grande parte deles são filhos de pais ouvintes.
- No momento em que esses surdos conseguem contato com a comunidade surda, a situação muda e eles passam pela desouvintização, ou seja, rejeição da representação da identidade ouvinte.
- Embora passando por essa desouvintização, os surdos ficam com sequelas da representação, o que fica evidenciado em sua identidade em construção.
- Há uma passagem da comunicação visual/oral para a comunicação visual/sinalizada.
- Para os surdos em transição para a representação ouvinte, a identidade flutuante se dá o contrário.

## Identities surdas de diáspora

As identidades de diáspora divergem das identidades de transição. Estão presentes entre os surdos que passam de um país a outro ou, inclusive, passam de um estado brasileiro a outro, ou ainda de um grupo surdo a outro. Ela pode ser identificada como o surdo carioca, o surdo brasileiro, o surdo norte-americano. É uma identidade muito presente e marcada.

## Identities intermediárias

O que vai determinar a identidade surda é sempre a experiência visual. Nesse caso, em vista dessa característica diferente distinguimos a identidade

ouvinte da identidade surda. Temos também a identidade intermediária. Geralmente essa identidade é identificada como sendo surda. Essas pessoas têm outra identidade, pois têm uma característica que não lhes permite a identidade surda, isto é, a captação de mensagem não é totalmente na experiência visual que determina a identidade surda.

- Apresentam alguma porcentagem de surdez, mas levam uma vida de ouvintes.
- Para estes são de grande importância os aparelhos de audição, de aumento de som.
- Assume importância para eles o treinamento do oral, o resgate dos restos auditivos.
- Busca de amplificadores de som.
- Não uso de intérpretes de cultura surda, de língua de sinais etc. (alguns adotam língua de sinais por *hobby*).
- Quando presentes na comunidade surda, geralmente se posicionam contra uso de intérpretes ou consideram o surdo como menos dotado e não entendem a necessidade de língua de sinais de intérpretes.

Têm dificuldades de encontrar sua identidade, visto que não é surdo nem ouvinte. Ele vive como pêndulo, ora entre surdos, ora entre ouvintes, daí seu conflito com essa diferença.

## Dicas de estudo

Para complementar seus estudos sugere-se o livro *Atualidade da Educação Bi-língue para Surdos: processos e projetos pedagógicos*, com organização de Carlos Skliar, Porto Alegre, editora Mediação, 1999.

Também para observar modelos educacionais e as concepções de surdez aconselham-se os filmes:

- *E Seu Nome é Jonas (And Your Name Is Jonah)*, TV Film – USA/1979. Ensina-se a língua de sinais para criança surda sair do isolamento.
- *Filhos do Silêncio (Children of a Lesser God)*, EUA/1986. Professor de linguagem de sinais se apaixona por surda.

---

## Atividades

1. Caracterize a visão clínico-terapêutica da surdez.

---

---

---

---

---

---

---

---

2. Quais são as principais ideias defendidas pela concepção socioantropológica da surdez?

---

---

---

---

---

---

---

---

3. Explique quais são os principais fatores determinantes da cultura surda.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

## Gabarito

1. Enfatiza no indivíduo sua característica de não ouvir, utiliza a expressão deficiente auditivo para designar todas as pessoas com diminuição ou perda da audição. A surdez é concebida como uma diminuição da capacidade de percepção normal dos sons, que traz ao indivíduo uma série de consequências ao desenvolvimento físico, psicossocial e intelectual. Os conceitos mais importantes vinculados a essa concepção são o de normalidade e homogeneidade.
2. O surdo não é tido como alguém que tem uma patologia que precisa ser eliminada, mas sim como uma pessoa, e a surdez como uma marca que repercute nas relações sociais e no desenvolvimento afetivo e cognitivo dessa pessoa. O conceito de diferença é difundido e abrange a ideia de que os surdos pertencem a um grupo minoritário, linguística e culturalmente diferente. O respeito à diferença reflete na aceitação de que o surdo não precisa almejar uma vida semelhante à do ouvinte, ao contrário, ele deve assumir sua surdez.
3. A cultura surda deve ser concebida como uma manifestação grupal ou coletiva, como ferramenta de ação histórica, de crescimento e desenvolvimento dessa comunidade, portanto, os surdos compõem comunidades cujo fator aglutinante é a língua de sinais. Também a cultura se manifesta pela aceitação de que os surdos compartilham, além da língua, valores culturais, hábitos e modos de socialização próprios. É um fenômeno cultural no qual padrões sociais emocionais, linguísticos e intelectuais são compartilhados e a língua de sinais seria aquilo que definiria a identidade do sujeito surdo.

---

## Referências

ALBRES, Neiva de Aquino. **A Educação de Alunos Surdos no Brasil do Final da Década de 1970 a 2005**: análise dos documentos referenciadores. Tese (Mestrado). Campo Grande: 2005.

ARANTES, Valéria Amorim (Org.). **Educação de Surdos**. São Paulo: Summus Editorial, 2007.

BRITO, L. F. **Integração Social e Educação de Surdos**. Rio de Janeiro: Babel, 1993.

\_\_\_\_\_. **Por uma Gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ/ Departamento de Linguística e Filologia, 1995.

FERNANDES, E. **Problemas Linguísticos e Cognitivos dos Surdos**. Rio de Janeiro: Agir, 1989.

FERNANDES, S. *et al.* **Aspectos Linguísticos da Libras**. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Especial. Estado do Paraná, 1998.

\_\_\_\_\_. **Educação Bilíngue para Surdos**: identidades, diferenças, contradições e mistérios. Tese (Doutorado em Letras) – Estudos Lingüísticos, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

GÓES, M. C. R. **Linguagem, Surdez e Educação**. Campinas: Autores Associados/Unicamp, 1996.

GOLDFELD, Márcia. **A Criança Surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. 3. ed. São Paulo: Plexus, 2002.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 2004.

PERLIN, Gladis. Identidades surdas. *In*: SKLIAR, Carlos (Org.) **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

POKER, Rosimar Bortolini. **Abordagens de Ensino na Educação da Pessoa com Surdez**. Marília: Unesp, 2007.

QUADROS, Ronice Mueller de. **Educação de Surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SKLIAR, C. B. Um olhar sobre nosso olhar acerca da surdez e as diferenças. *In*: \_\_\_\_\_. (Org.). **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

\_\_\_\_\_. Educação e exclusão, abordagens socioantropológicas em Educação Especial. *In*: \_\_\_\_\_. (Org.) **Uma Perspectiva Socio-Histórica sobre a Psicologia e a Educação dos Surdos**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

